Tiago Rebelo

Amarguinha tem um irmão



com ilustrações de Danuta Wojciechowska

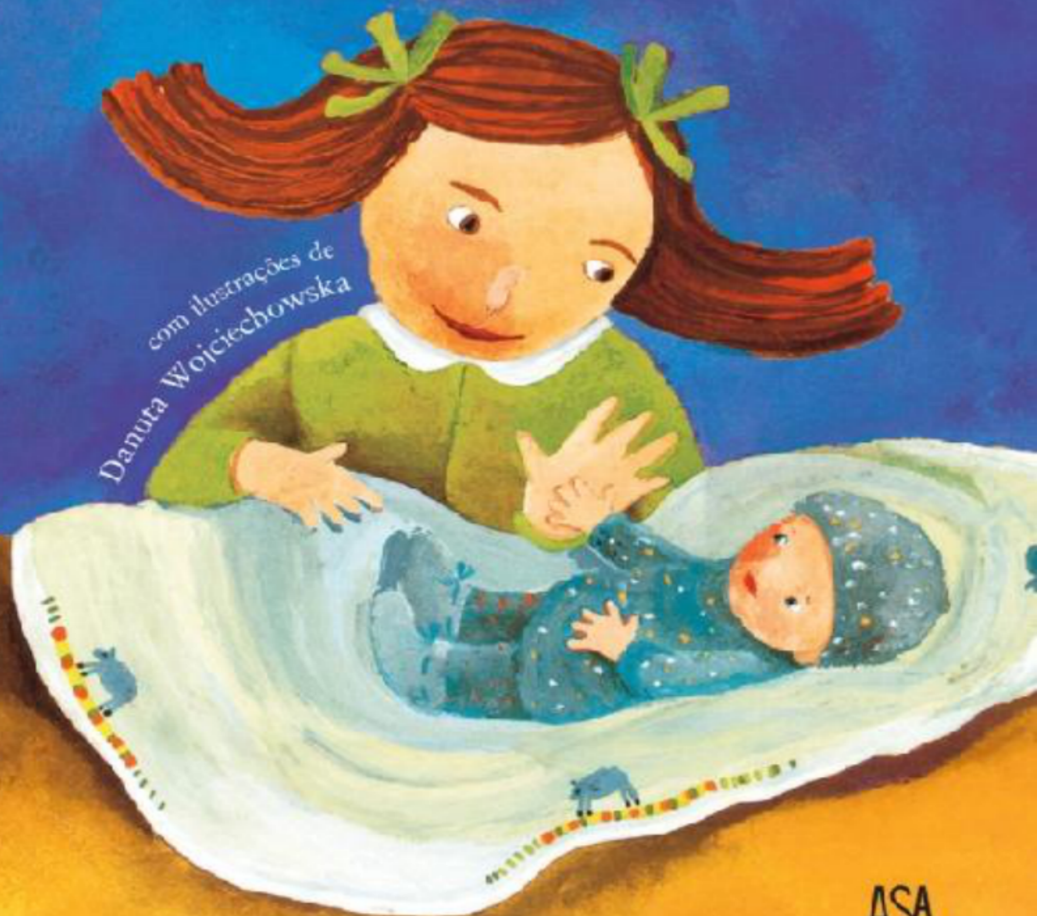
ASA

VISIT...

LANZAROTE Caliente.com

Tiago Rebelo

Amarguinha tem um irmão



Ficha Técnica

Título original: *Amarguinha tem um irmão*
Autor: Tiago Rebelo
Ilustrações de Danuta Wojciechowska
Revisão: Leya
ISBN: 9789892338163

Edições ASA II, S.A.
uma editora do Grupo LeYa
R. Cidade de Córdova, n.º 2
2160-038 Alfragide – Portugal
Tel.: (+351) 214 272 200
Fax: (+351) 214 272 201

© 2005, Tiago Rebelo; Danuta Wojciechowska © desta edição:
2017, Tiago Rebelo (texto); Danuta Wojciechowska (ilustrações) e edições
Asa II, S.A.
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
edicoes@asa.pt
www.asa.leya.com
www.leya.pt

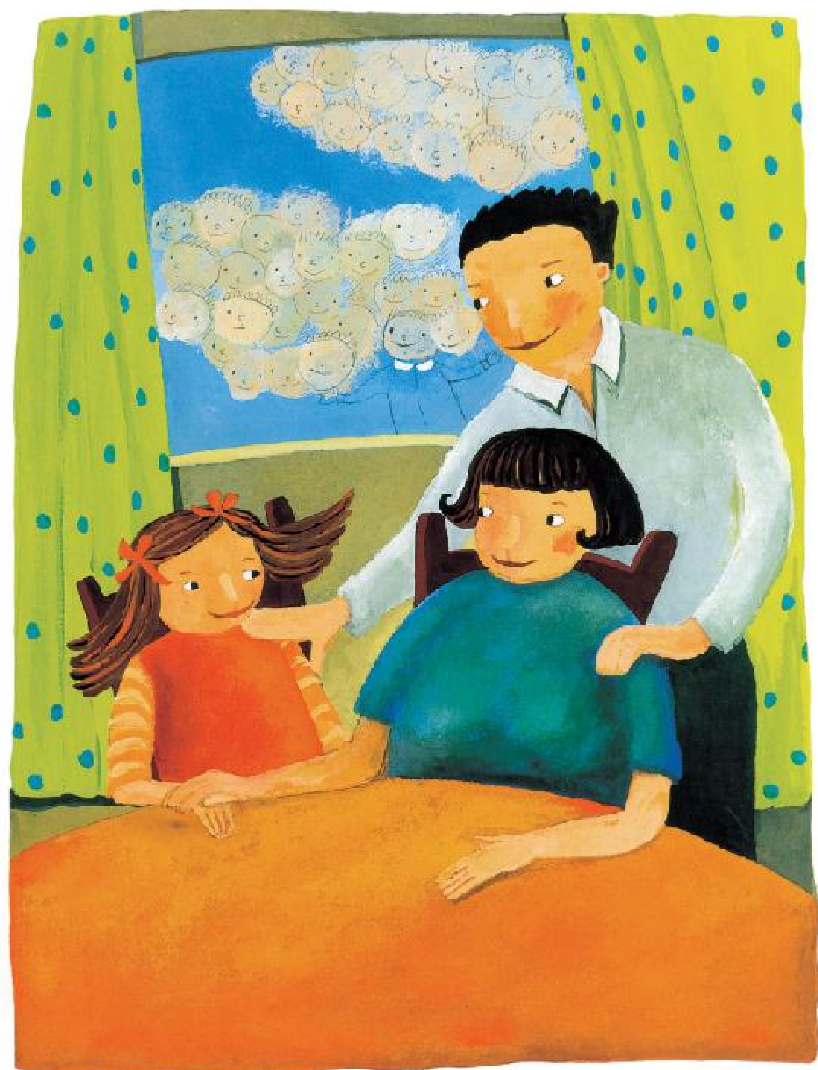
Por vontade expressa do autor, o livro respeita
a ortografia anterior ao actual acordo ortográfico.



Amarguinha tem um irmão

No dia em que fez nove anos, Amarguinha recebeu dos pais uma bicicleta de presente. Era amarela e tinha uma campainha e luz para andar de noite e tudo. Nesse dia especial, a mãe organizou uma pequena festa para ela e convidou os seus dois melhores amigos, Martinho e Branca. E fez-lhe um bolo especial que tinha uma boneca no meio, uma bailarina, porque Amarguinha dizia que gostaria de ser bailarina quando fosse grande.

Claro que Amarguinha não comeu nem um bocadinho do bolo, pois não gostava de doces. Mas a mãe disse-lhe:



— Uma festa de anos sem bolo não é festa de anos.

E ela concordou, além de que adorou a boneca. E, de qualquer modo, Martinho e Branca, esses sim, comeram um bocadão de bolo.

Mas o principal presente de Amarguinha no seu dia de anos foi a novidade que os pais lhe deram logo pela manhã.

— Amarguinha — anunciaram-lhe —, temos uma coisa muito especial para te dizer.

— Muito especial? — Amarguinha, olhou para os pais com um sorriso ansioso, a pensar o que seria. Estavam sentados a tomar o pequeno-almoço na mesa da cozinha.

— Sim, querida, muito especial.

— O que é?

— Vais ter um irmãozinho.

— Vou? — espantou-se.

— Vais — confirmou a mãe. — Estás contente?

— Hum, hum — fez que sim com a cabeça.

— Hum, hum? — imitou-a o pai, preocupado, a pensar se ela não teria ficado realmente feliz com a notícia.

— Estou contente, estou — respondeu Amarguinha, com um sorriso, para o tranquilizar. E estava mesmo, só que, de facto, era uma novidade tão especial que ela ficou sem palavras.

Amarguinha já havia perguntado muitas vezes à mãe por que é que não tinha um irmão. E a mãe respondia-lhe sempre:

— Talvez um dia destes tenhas uma surpresa.

Pois bem, a surpresa ficou reservada para o seu dia de anos. Na verdade, ela sentiu-se um bocadinho preocupada. Afinal, o nascimento de um bebé seria um acontecimento muito importante para a família. Mas, depois do espanto inicial, fez logo muitas perguntas.

— Como é que ele se vai chamar?

— Ainda não sabemos — respondeu a mãe.

— Temos de pensar muito bem nisso — disse o pai.

— Eu também?! — quis saber Amarguinha, entusiasmada com a ideia de escolher um nome para o bebé.

— Claro — respondeu o pai. — Cada um de nós vai dizer o seu nome preferido e depois discutimos o assunto até chegarmos a um acordo. Está bem?

— Está bem. E onde é que ele vai dormir?

— Enquanto for bebé — explicou a mãe — dorme num berço no nosso quarto. E depois, quando for maiorzinho, vai para o teu quarto.

— Boa! — exclamou Amarguinha. — Assim vou poder brincar com ele.

— Sim, mas só quando ele deixar de ser bebé. Até lá, ele não vai querer brincar.

— Pois não — disse Amarguinha, pensativa. — Os bebés não sabem

brincar.

— Vais ter muito tempo para isso — disse o pai.

— É um instante, enquanto ele cresce — acrescentou a mãe, a sorrir. — Ainda me lembro quando eras bebé e agora já estás a fazer nove anos.

Nove anos, pensou Amarguinha, toda orgulhosa da sua idade. Estava uma menina crescida. Mas, ao contrário da mãe, não se lembrava de quando ela era bebé. Curioso.

— A minha mãe vai ter um bebé — anunciou Amarguinha assim que Martinho e Branca chegaram para a sua festa de anos.

— Vai?! — exclamaram os dois ao mesmo tempo.

— Vai — confirmou, sentindo-se importante.

— Quando? — quis saber Branca, abrindo muito os seus grandes olhos azuis. Branca tinha o cabelo todo branco e uma pele muito clarinha e, por causa disso, antes de a conhecer, Amarguinha pensara que ela era um anjinho.

— Quando? — repetiu Amarguinha, um pouco embaraçada com a pergunta da amiga. — Quando? — repetiu, a pensar que se esquecera de perguntar isso à mãe.



— Sim, quando? — Branca abriu os braços, impaciente.

— Oh — encolheu os ombros —, daqui a um tempo.

— Não sabes que os bebés demoram nove meses a nascer? — interveio Martinho, com ar de quem sabe tudo.

— Claro que sei — respondeu Branca, irritada.

— Então?...

— Então, a mãe dela pode estar à espera de bebé há dois ou três meses, não pode?

— Pode — admitiu Martinho.

— Então, se estiver grávida há dois meses, o bebé nasce... deixa ver... um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete — contou pelos dedos. — Daqui a sete meses! Não é o mesmo se estiver grávida há mais tempo, ou é?

— Não, não é.

— Tomaaa! — disse, para o calar.

— Eu depois pergunto à minha mãe — interrompeu-os Amarguinha, para acabar com a discussão.

Dois dias depois, Amarguinha foi andar na bicicleta nova no jardim em frente à sua casa e encontrou Branca sentada num banco à espera dela.

— Estava à tua espera.

— Queres andar na minha bicicleta?

— Não.

— Estás chateada?

— Não — respondeu, mas com uma voz tão triste que se via logo que estava.

— O que foi, Branca?

Branca encolheu os ombros.

— Estava a pensar...

— O quê?

— Quando a tua mãe tiver o bebé, vais ter de passar muito tempo com ele?

— Não sei. Sabes, os bebés não brincam, só dormem.

— E choram.

— Pois é, choram muito, não é?

— Eu não gosto de bebés — declarou Branca, muito séria.

— Não gostas?

— Não.

— Porquê?

— Porque não. De qualquer forma, eu não vou ter nunca um irmão.

Então Amarguinha percebeu por que é que a amiga estava triste. Branca havia sido deixada com umas freiras quando ainda era muito pequenina. A mãe não podia tomar conta dela por se encontrar muito doente. Depois tinha sido adoptada por uma senhora que ela tratava por tia. «Mas não é minha tia de verdade e também não é minha mãe, mas é como se fosse», explicara-lhe ela uma vez. E Amarguinha, que sabia da história, viu logo por que é que Branca estava com aqueles seus olhos azuis muito claros à beira das lágrimas.

— Deixa lá — disse, passando o braço por cima dos ombros dela, para a animar —, depois, quando o meu irmão nascer, podes ir lá a casa todos os dias ajudar-me a tratar dele.

— Posso?! — exclamou Branca, abrindo muito os olhos.

— Podes.

— Está bem.

— Não é verdade que não gostas de bebés, pois não?

— Pois não — reconheceu Branca.

— Olha, o Martinho também não tem irmãos.

— Sim, mas a mãe dele pode ter um bebé quando quiser.

— Pois, lá isso é verdade — disse Amarguinha, pensativa. —

Mas ela não quer — acrescentou, para acabar com a conversa. — Embora andar de bicicleta?

— Embora.

Em casa de Martinho havia uma quarto muito especial. Era o *atelier* da mãe. Ela já lhe explicara que *atelier* era uma palavra francesa que designava o local onde um artista trabalhava. Um dia, a mãe de Martinho, que gostava de pintar, decidiu fazer o retrato do *Caçador*, o gato da família. E depois continuou a pintar gatos, gatos e mais gatos. E como as pessoas adoravam os quadros dela, começou a vendê-los por muito dinheiro. Hoje em dia, a mãe de Martinho era uma pintora muito conhecida.

— Mãe?

— Sim, filho — respondeu, sem desviar a atenção da tela. Estava a pintar a cara de um gato persa, que tinha muito pêlo e uns grandes bigodes.



— A mãe da Amarguinha vai ter um bebé.

— Vai?

— Vai.

— Que bom! — disse ela, parando de pintar e voltando-se no banco alto onde se sentava.

— Mãe?

— Diz, Martinho.

— Por que é que eu não tenho um irmão?

A mãe pousou o pincel no cavalete e sorriu.

— Anda cá, ao pé de mim. — Ele aproximou-se, ela abraçou-o e fez-lhe uma festa no cabelo. — Às vezes — explicou-lhe — os pais decidem ter vários filhos, outras vezes preferem só ter um.

— Sim, mas os pais podiam decidir ter outro filho.

— Pois podíamos, mas não foi isso que decidimos.

— Porquê? — insistiu Martinho.

— Porquê? Ah, gostas de fazer perguntas difíceis, não gostas? — fingiu-se exasperada, a brincar. Martinho riu-se.

— Gosto.

— Talvez, um dia destes eu tenha outro bebé. Mas agora ando muito ocupada para ter bebés.

A mãe de Martinho estava a preparar uma exposição, de modo que precisava de pintar uma nova colecção de quadros de gatos. Mas o quadro mais importante era aquele à sua frente, no cavalete.

— Sabes quem é este gato?

— Não — respondeu Martinho, encolhendo os ombros. Para ele, era só mais um gato, como os outros todos que a mãe costumava pintar.

— Este é o gato da rainha de Inglaterra. É um gato muito importante, que vive num palácio, em Londres. A rainha queria um retrato do seu gato preferido e encomendou-me o quadro.

— A rainha?! — exclamou Martinho, espantado.

— Sim, a rainha.

— E ela veio cá de propósito para pedir isso?

— Nãããão — disse a mãe, divertida. — Quem falou comigo foi o embaixador.

— Quem é esse?

Então, a mãe explicou-lhe quem era o embaixador.

— É um senhor, inglês, que vive em Portugal para ajudar a resolver os problemas que existem entre os dois países. Todos os países têm embaixadores. Isso ajuda-os a darem-se melhor, percebes?

Martinho fez que sim com a cabeça.

— A minha mãe está a pintar o gato da rainha de Inglaterra — anunciou Martinho com um ar importante. Estavam a brincar no jardim em frente à casa de Amarguinha. Eles os dois e Branca.

Amarguinha olhou para ele desconfiada, depois para Branca. Branca olhou para ele espantada e depois para Amarguinha. Em seguida começaram a rir-se.

— É verdade! — protestou Martinho.

— «Ganda peta» — disse Amarguinha.

— Ah, ah, o gato da rainha de Inglaterra — disse Branca, a gozar com ele.

— É verdade! — insistiu Martinho, irritado.

— Não acredito. — Amarguinha não conseguia parar de rir.

— Nem eu — disse Branca, agarrada à barriga às gargalhadas.

— Então, não acreditem — respondeu ele, amuado. — Mas depois, quando virem o quadro, vão ver se não é verdade.

— Oh, o quadro pode ser de um gato qualquer — argumentou Amarguinha.

— Sim, mas sabes quem é que o vem buscar, sabes?

— Quem?

— O embaixador.

— O embaixador?

— Ah, pois é.

— Quem é esse?
— É um inglês que vive em Portugal para ajudar a resolver os problemas.
— Hã?...
— É um senhor que... olha, deixa lá, não interessa. Quando o quadro estiver pronto eu digo e, depois, quando o embaixador for buscá-lo, vocês vão ver se não é verdade.
Mas Amarguinha encolheu os ombros.
— Aposto que é mentira — disse.
— Não é nada mentira — respondeu ele, indignado.
— É.
— Não é.
— É.
— É? Então, depois perguntas à minha mãe e vais ver se é mentira.

À tarde foram a casa de Martinho e encontraram a mãe dele a pintar.
— Olá, Amarguinha.
— Olá, mãe — cumprimentou-a, a rir-se.
— Amarguinha... — disse, em tom de aviso. — Eu não sou tua mãe. — Desde pequenina que Amarguinha fazia esta brincadeira.
— Mãe — interrompeu Martinho, ansioso — não é verdade que esse gato que estás a pintar é da rainha de Inglaterra?
— É verdade, é.
— Ah! — exclamou ele, voltando-se para elas. — Vêem? Vêem? Eu não disse?
— Disseste — reconheceu Amarguinha.

Nos meses seguintes, enquanto a mãe de Amarguinha esperava o seu bebé, a barriga dela foi crescendo, o que a intrigava bastante e levava-a a conversar sobre o assunto com a mãe.
— De que tamanho vai ficar a tua barriga?
— Vai ficar deeeste tamanho — respondeu a mãe, com os braços em forma de balão à frente da barriga, para lhe mostrar o que queria dizer.
— Ena! — exclamou Amarguinha. — Desse tamanho?
— Mais ou menos. Até pode ficar maior — explicou a mãe — se eu passar o tempo todo a comer. Mas isso não vai acontecer, porque vou ter cuidado.
— Mãe?
— Sim, Amarguinha.
— Por que é que a barriga das senhoras cresce tanto quando estão à espera de bebé?
— Olha, porque, no princípio, o bebé é muito pequenino, assim como se fosse um feijãozinho, mas depois, à medida que o tempo passa, ele vai crescendo e vai engordando e precisa de espaço. Por isso, a nossa barriga tem de aumentar para ele caber cá dentro.

Um dia o pai levou a mãe ao médico e Amarguinha pediu para ir com eles.

— Claro que podes ir — disse a mãe. — E prepara-te, porque vais ver uma coisa muito gira.

Amarguinha mal conseguia acreditar no que estava a ver. Tal como a mãe lhe prometera, a visita ao médico foi espectacular.

O consultório tinha uma máquina com um monitor que parecia uma televisão. A mãe deitou-se numa espécie de cama ao lado da máquina e o médico ligou o monitor e depois começou a fazer deslizar um pequeno aparelho em cima da barriga da mãe. E, enquanto fazia isso com muito jeitinho, apareciam imagens no ecrã da máquina. Então, Amarguinha percebeu o que estava a ver.

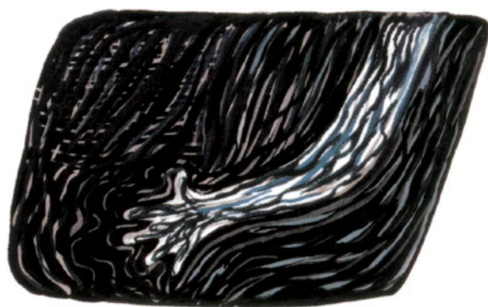
— O que estás aqui a ver — explicou-lhe o médico — é o teu irmão dentro da barriga da tua mãe.

— Irmão?! — exclamou o pai de Amarguinha. — É um menino?

— É um rapazinho, sim senhor — anunciou.

— Ah! — Amarguinha abriu a boca, sem conseguir dizer nada. Estava tão espantada e satisfeita com a maravilha que aquilo tudo lhe parecia, que só sorria.

— Estás a ver aqui? — indicou o médico, apontando para o ecrã. — Aqui está um braço do bebé, aqui o outro, uma perna, a outra, o tronco e a cabeça.



Era espantoso, porque aquela máquina permitia-lhes ver o bebé cheio de vida dentro da barriga da mãe.

À saída do consultório, Amarguinha vinha muito excitada com o que acabara de ver.

— Isto que eu fiz — disse-lhe a mãe — chama-se ecografia e serve para o senhor doutor ver se está tudo a correr bem com o bebé.

Ainda por cima, tinha-lhes sido oferecido um DVD com as imagens todas do bebé na barriga da mãe. Amarguinha mal podia esperar para o mostrar a Branca. E, quando o fez, a amiga ficou de boca aberta, tal e qual como tinha acontecido a Amarguinha.

— Estás a ver? — ia dizendo Amarguinha. — Está ali uma mãozinha do bebé. Vês ali os dedos dele?

— Ena, ena! — gritou Branca, de entusiasmo. — Pois é! E já contaste os

dedos?

Amarguinha olhou para Branca, muito séria, carregou num botão do comando à distância para parar a imagem no televisor e começou a contar os dedos em voz baixa, concentrada no monitor.

— Um, dois, três, quatro, cinco. Tem cinco dedos, vês?

— Pois tem — respondeu Branca, fazendo-se despreocupada. — Ainda bem.

Por vezes, a mãe de Amarguinha ficava enjoada, tão enjoada que ia a correr para a casa de banho, fechava-se lá dentro durante um bocado e, quando saía, vinha tão pálida que fazia lembrar Branca, com a cara da cor de leite.

— Estás enjoada, mãe?

— Se estou.

— Hum...

— Acontece, é da gravidez.

— Mas, estás doente?

— Não, querida, é mesmo assim. Vou-me deitar um bocadinho e já fico boa.

— E, depois, podemos tratar das roupas do bebé?

— Depois, quando eu me sentir melhor.

O tempo estava a passar depressa. Quando deram por isso já era Outono e as folhas das árvores do jardim tinham caído quase todas. Começava a chover e a fazer frio. A barriga da mãe tinha crescido bastante e o bebé nasceria em breve. Amarguinha gostava de ajudá-la a preparar a casa para receber o seu pequenino irmão. Havia tantas coisas a fazer... O pai trouxe o berço onde o bebé ficaria nos seus primeiros meses de vida. Amarguinha foi com a mãe ao supermercado e compraram biberões, tetinas, fraldas, toalhinhas, uma banheira de plástico e muitos outros artigos que seriam necessários quando chegasse a hora de tratar do bebé. Foram também a uma loja e compraram as roupinhas todas que ele vestiria quando nascesse. Depois Amarguinha ajudou a mãe a preparar o quarto dela para o grande momento. Esvaziaram duas gavetas do guarda-roupa, que até agora estivera destinado só às suas roupas, e arrumaram aí tudo o que haviam comprado.



O pai de Amarguinha, que era taxista e passava o dia a guiar o seu táxi pela cidade, trazia sempre alguma coisa nova para casa.

— Uma bola de futebol?! — riu-se a mãe. — Não achas um bocadinho cedo para ele jogar futebol?

— Pois é — respondeu o pai, um pouco atrapalhado —, é um disparate, não é? Mas, o que é que queres, estava barata e não resisti.

— O melhor é dares a bola à Amarguinha.

— A minha filha não joga futebol! — disse ele, fingindo-se indignado com a ideia de ver uma menina a correr atrás de uma bola. — Futebol é coisa para os rapazes.

— Que disparate! — Foi a vez da mãe se indignar. — Por que é que as raparigas não podem jogar futebol também?

— Pois, realmente... olha, está bem. Eu dou-lhe a bola, mas vais ver que ela não se vai interessar nada.

Amarguinha até gostou do presente do pai, mas quem ficou mais entusiasmado com a bola foi Martinho, que foi lá a casa brincar com ela depois da escola e passou a tarde aos pontapés para cá e para lá, no jardim. De qualquer forma, ela fartou-se de jogar à bola e preferiu andar na sua bicicleta amarela.

Agora Branca andava na mesma escola de Amarguinha e, como tinham a mesma idade, estavam também na mesma sala. A seguir às aulas, Branca ia para casa de Amarguinha e estudavam juntas. Os trabalhos de casa que Amarguinha gostava mais eram as contas e os problemas, enquanto Branca preferia fazer redacções e decorar poemas para depois os dizer na aula. De modo que uma ajudava a outra, embora algumas vezes se distraíssem a conversar e se esquecessem de que estavam ali para estudar. Mas, como sabiam que quanto mais tempo demorassem a fazer os trabalhos, mais tarde iam brincar para o jardim, lá voltavam a concentrar-se nos cadernos.



Branca tinha ficado muito espantada com o quadro que a mãe de Martinho estava a pintar para a rainha de Inglaterra.

— Já imaginaste — disse, distraindo-se dos trabalhos de casa —, a rainha de Inglaterra?

— Hã?... — Amarguinha ergueu os olhos do caderno.

— A rainha de Inglaterra! — repetiu Branca.

— O que é que tem?

— Achas que a mãe do Martinho vai conhecê-la?

— Não sei... — mordeu a ponta da esferográfica, pensativa. — Acho que não.

— Não?

— Não. O Martinho disse que ela ia entregar o quadro ao embaixador.

— Ah, é verdade, aquele senhor que trata dos problemas.

— Pois, esse.

— Gostava de conhecê-lo.



A mãe de Martinho fechava-se muitas horas seguidas a trabalhar e, enquanto pintava, não pensava em mais nada e até se esquecia de comer. De tal forma, que acabou por ficar doente. Um dia, estava a pintar, sentiu-se mal e desmaiou. O pai ficou muito preocupado e chamou um médico. O médico ficou ainda mais preocupado e disse que ela teria de ir para o hospital. Quando Martinho chegou da escola, a dona Queta, a empregada que tratava da casa e tomava conta dele enquanto os pais trabalhavam, contou-lhe o que se tinha passado e ele ficou assustado.

No dia seguinte, o pai levou-o a visitar a mãe. O hospital era um edifício enorme com corredores que nunca mais acabavam e muitas portas. Martinho sentiu-se mesmo pequenino naquele sítio. Foi encontrar a mãe num quarto, deitada numa cama, ao lado de uma mesa-de-cabeceira com uma jarra, onde

puseram as flores que lhe levaram.

— Quando é que voltas para casa?

— Vou ter de ficar uns dias aqui — disse ela. — Mas volto assim que estiver boa.

— Muitos dias?

— Alguns. Os médicos é que sabem.

Tal como o pai prometera a Amarguinha, decidiram o nome do bebé em conjunto. Depois do jantar, ficaram na cozinha, sentados à mesa, a conversar sobre o assunto.

— Então, Amarguinha, que nome é que gostavas de dar ao bebé? — perguntou o pai.

— Hum, ainda não sei.

— Pensa bem — disse a mãe. — É uma decisão importante.

Amarguinha abriu muito os olhos e sorriu, feliz por participar numa decisão familiar importante.

— Lá isso é — acrescentou o pai. — O nome que lhe dermos é para toda a vida.

Amarguinha coçou a cabeça, um pouco atrapalhada com aquela responsabilidade.

— Eu e a mãe — disse o pai — pensámos em dois nomes: Luís e Miguel. O que é que achas?

— Eu gosto dos dois.

— Sim, mas vais ter de escolher um.

— Qual é que preferes? — perguntou a mãe.

— Luís... não, Miguel.

— Então? Pensa bem — pediu o pai. — Luís ou Miguel?

— Qual é que os pais preferem? — perguntou Amarguinha, indecisa.

— Nós gostamos dos dois — respondeu ele. — Mas tu é que vais decidir.

— Está bem, então pode ser Miguel.

— É Miguel o nome que tu escolhes? Tens a certeza?

Amarguinha fez que sim com a cabeça.

— Tenho — disse.

— Então, está decidido, o bebé vai chamar-se Miguel — declarou o pai.

Amarguinha ficou toda contente e foi logo telefonar a Branca para lhe dar a novidade.

— O meu irmão vai chamar-se Miguel e fui eu que decidi — contou à amiga.

— Ena, os teus pais deixaram-te escolher o nome dele?

— Hã, hã... Sabes, é uma decisão muito importante porque ele vai ter esse nome durante toda a vida.

— Claro, eu sei. E quando é que ele nasce?

— Já falta muito pouco tempo. A minha mãe disse-me que vai ser um dia destes.

Quando Amarguinha telefonou a Martinho para lhe dar a novidade, ele não ligou muito.

— O meu irmão vai chamar-se Miguel e fui eu que escolhi — anunciou ela.

— Vai?

— Vai.

— Está bem.

Amarguinha achou que Martinho estava com uma voz estranha.

— O que é que foi, não gostas do nome?

— Gosto — respondeu, e ela foi capaz de o imaginar a encolher os ombros, como se não estivesse nada interessado.

— Estás chateado?

— Estou, a minha mãe foi para o hospital.

— Foi?! — espantou-se Amarguinha. — Porquê?

— Porque está doente.

— O que é que ela tem?

— Ficou doente por não comer quase nada. O meu pai diz que ela passa o dia inteiro a pintar e esquece-se de comer.

— E quando é que ela vai voltar para casa?

— Não sei, quando ficar boa.

Enquanto a mãe de Martinho esteve no hospital, a casa parecia-lhe vazia. Era uma sensação estranha, que até o *Caçador* sentia. O gato, habituara-se a dormitar ao lado da dona e por vezes até se sentava a admirar os gatos que ela pintava. Agora estranhava a sua ausência e andava um pouco perdido a deambular pelas divisões da casa. Dona Queta viu-se obrigada a prestar-lhe mais atenção, a fazer-lhe muitas festas e a falar com ele para o convencer a beber o leite da tigela, colocada no chão, ao lado do frigorífico. O *Caçador* estava triste.



O pai de Martinho dividia-se entre o escritório e o hospital, de modo que não lhe sobrava muito tempo para estar em casa com o filho. Nesses dias, Martinho ia brincar para casa de Amarguinha a seguir à escola. Fazia os trabalhos de casa com ela e com Branca e depois iam os três para o jardim andar de bicicleta e jogar à bola.

Branca continuava intrigada com o quadro do gato da rainha de Inglaterra e insistia no assunto sempre que se lembrava.

— E o quadro da rainha de Inglaterra? — perguntou-lhe. Estava sentada num dos bancos do jardim e olhava para as mãos enquanto falava. — A tua mãe já o acabou?

— Não, claro que não — respondeu Martinho, irritado, enquanto dominava a bola com os pés. — Não sabes que a minha mãe foi para o hospital?

— Ah, pois foi... — levantou a cabeça para o encarar. — E o embaixador não disse nada? Não foi lá a casa?



— Oh Branca, o embaixador só vai lá a casa quando a minha mãe acabar o quadro.

— Pois... — voltou a concentrar-se nas mãos — mas ainda falta muito para...

— Branca! — interromperam-na os dois ao mesmo tempo.

— Hã?...

— Já chega de perguntas — disse Amarguinha, sentada na sua bicicleta. — Agora vamos brincar.

Mas entretanto começou a pingar e depois os pingos caíram com mais força e, de repente, já caía água como se alguém tivesse aberto a torneira de um chuveiro. Os três amigos
correram para fugir da chuva e chegaram a casa todos molhados. Claro que se divertiram muito e entraram em casa a
rir-se. Mas a mãe de Amarguinha é que não achou graça nenhuma.

— Olhem para o vosso estado! — ralhou-lhes. — Vão já tirar essa roupa e secar a cabeça para não ficarem doentes.

«Atchim!!!», espirrou Branca.

— Estás a ver, menina? — disse a mãe de Amarguinha. — Vais-te constipar e depois a tua tia não te deixa vir cá mais brincar com a Amarguinha.

Quando Martinho voltou para casa ao final da tarde, o *Caçador* foi-se queixar, à sua maneira, evidentemente, porque o gato não falava, mas sabia mostrar se se sentia contente ou triste.

— O *Caçador* está triste — declarou Dona Queta. O gato foi atrás de Martinho e começou a andar entre as suas pernas, como que a pedir-lhe que lhe desse atenção. Infelizmente, Martinho não podia pegar no gato nem estar muito tempo ao lado do bicho, pois sofria de asma e o pêlo do *Caçador* fazia-lhe mal. Mesmo assim, pegou nele ao colo. Mas ao fim de um bocado já

estava a sentir falta de ar e teve de o afastar e de se socorrer da bomba de ar para recuperar o fôlego.

Finalmente chegou o grande dia, que por acaso até foi de noite. Era muito tarde, quase cinco da manhã, o pai de Amarguinha foi ao quarto dela e abanou-a para a acordar.

— Anda filha — disse. — Temos de levar a mãe para o hospital.

— Huuum... — resmungou ela, cheia de sono. — Quero dormir.

— Amarguinha — insistiu o pai — Acorda.

— Hã?... O que foi? — perguntou, estremunhada.

— A mãe vai ter o bebé.

— Agora?!

— Sim, agora. Temos de a levar ao hospital.

Então ela percebeu o que o pai lhe estava a dizer e ficou completamente desperta. Deu um salto da cama e foi vestir-se a correr. Amarguinha tinha obrigado os pais a prometerem-lhe que quando chegasse o momento a deixavam ir com eles ao hospital. Desejosa de participar nesse momento tão importante para a família, insistiu até os pais cederem. Não queria perder nem um bocadinho do que se ia passar.

Levaram a mãe no táxi do pai. O hospital era o mesmo onde estava a mãe de Martinho, embora Amarguinha não soubesse disso.

Deixaram-na sozinha numa sala onde só havia três filas de cadeiras e uma televisão em cima de um apoio de metal preso à parede do fundo. A sala era branca, sem quadros, vazia e silenciosa. O único ruído que se ouvia era o som baixo da televisão, que não estava a dar nada de interessante. E mesmo que estivesse ela também não teria ligado, pois sentia-se tão ansiosa que não seria capaz de se concentrar, nem que fosse o programa mais giro do mundo. Esperou uma hora inteirinha, com o coração alvoroçado pela angústia de não ter notícias, até que o pai voltou à sala com um grande sorriso.

— O Miguelinho já nasceu! — anunciou, radiante.

— Já?! — espantou-se Amarguinha. Pensando bem, até fora rápido.

— Já — repetiu o pai. — Anda vê-lo.

Foi um momento emocionante. Amarguinha não saberia explicar o que sentiu ao ver aquele bebé tão pequenino nos braços da mãe. De olhos fechados, tranquilo, com um gorro de lã a cobrir-lhe a cabeça para não ter frio, o bebé parecia um boneco de brincar.



— Vem cá, Amarguinha. — A mãe fez-lhe sinal para que se aproximasse. — Não é lindo, o Miguelinho?

— É — disse ela, tão excitada que até lhe deu vontade de começar aos pulos de contentamento.

— Olha para ele, tão pequenino — comentou a mãe.

— Posso tocar-lhe?

— Podes, claro!

Amarguinha fez-lhe uma festa na face e o bebé reagiu com uma careta e em seguida espirrou.

— Olha, está constipado — disse ela.

— Não, não está constipado — explicou a mãe. — É que ainda não se habituou às mudanças de temperatura. Até agora esteve sempre quentinho na barriga da mãe.

— Então, temos de ter muito cuidado para ele não apanhar frio.

Amarguinha segurou a mão do bebé, maravilhada. Era pequenina, com uns dedinhos muito fininhos. Lembrou-se de ter visto aquela mãozinha no vídeo da ecografia e de Branca lhe ter perguntado se já havia contado os dedos. Cinco dedos, lá estavam eles em carne e osso. Agora o seu irmão já não era apenas uma imagem na televisão, estava ali a dormir! Amarguinha riu-se, satisfeita com aquilo tudo.

— Agora — disse o pai — vamos deixar a mãe dormir, que ela está muito cansada.

— E o bebé — perguntou Amarguinha — fica aqui?

— Não, o Miguelinho vai para o berçário.

— Ai vai? Onde é que é isso?

— É ali ao fundo do corredor. É uma sala onde ficam todos os bebés para as mães poderem descansar.

— E nós, vamos para casa?

— Nós vamos para casa e voltamos logo à tarde.

No caminho para casa, sentada no banco de trás do carro, Amarguinha espreitou a cidade através da janela. Era um dia particularmente luminoso, o sol batia nas janelas dos prédios espelhados que reflectiam os seus raios com uma intensidade fora do vulgar. Tudo lhe parecia bonito e ela pensou que quando se sentia feliz via os dias mais luminosos. Os seus olhos brilhavam de alegria enquanto pensava milhares de coisas ao mesmo tempo.

— Pai... — disse.

— Sim, filha — respondeu, virando ligeiramente a cabeça para trás sem tirar os olhos do trânsito.

— Quando é que a mãe e o Miguelinho vão para casa?

— Em princípio, daqui a dois dias.

— Estou desejosa de o ter lá em casa.

— Vai ser bom, não vai?

— Vai — disse Amarguinha, com um sorriso nos lábios.

Em casa, divertiu-se imenso a ver o pai a esforçar-se para fazer o almoço para os dois. Que se lembrasse, era a primeira vez que o via a cozinhar e, mesmo assim, só conseguiu juntar uns ovos na frigideira, que eram para ser estrelados mas acabaram por ser... uma coisa estranha.



— Queres fiambre com os ovos?

— Está bem — aceitou, um pouco desconfiada com o que via no prato.

— Eu sei que não está grande coisa — disse ele —, mas tens de ter paciência, que o teu paizinho não sabe cozinhar.

— Não faz mal — disse Amarguinha. De qualquer modo, ela não tinha fome. A excitação de regressar ao hospital não a deixava pensar em mais nada.

— Queres pão para o molho?

Amarguinha olhou para os ovos demasiado passados, no prato, e riu-se.

— Qual molho?

Depois do almoço, voltaram ao hospital. Agora Amarguinha já sabia o caminho de cor e, à medida que se aproximavam, ia crescendo a sua impaciência.

— Será que a mãe já acordou?

— Acho que sim.

— E o Miguelinho?

— O Miguelinho ainda vai dormir muito durante bastante tempo.

— Mas, eu gostava de pegar nele ao colo.

— Está bem, Amarguinha, vais poder pegar nele ao colo.

O pai estacionou o carro no parque do hospital e dirigiram-se para a porta

das visitas. E, quando iam a entrar, tiveram uma surpresa.

— Olha! — quase gritou Amarguinha. — Martinho, o que é que fazes aqui?

— Vim ver a minha mãe — disse ele. — E tu?

— Eu também vim ver a minha mãe. O meu irmão já nasceu!

— Oláááá! — disse o pai de Martinho, num tom de alegre surpresa. — Então, a criança já nasceu?

— Já nasceu, sim senhor — respondeu o pai de Amarguinha, orgulhoso.

— Muito bem, parabéns!

— Obrigado.

— Temos de ir vê-lo.

— Pois têm — disse ela, entusiasmada.

— E a sua mulher — perguntou-lhe o pai de Amarguinha — já está melhor?

— Muito melhor, graças a Deus.

Subiram os quatro no elevador até ao andar da maternidade. Eram aí os quartos onde ficavam as mães dos bebés que nasciam no hospital.

O pai de Amarguinha conduziu-os até ao berçário, onde, através de um vidro que ia de um lado ao outro da sala, puderam espreitar para ver Miguelinho.

— Qual deles é que é? — perguntou Martinho, baralhado. Lá dentro havia dez berços, e, assim de repente, os bebés pareciam todos iguais.

— É aquele — apontou o pai de Amarguinha.

— Ah, pois é! — exclamou ela, reconhecendo-o. — Não é bonito?

— É... — respondeu Martinho, espantado com tantos bebés. Tanto ele como ela precisavam de se pôr em bicos de pés para conseguirem espreitar pelo vidro. — Estão todos a chorar — comentou. Lá dentro, uma enfermeira foi de berço em berço e enfiou chuchas nas bocas dos bebés para os acalmar.



— Devem estar com fome — calculou o pai de Martinho. E de facto, entrou uma segunda enfermeira no berçário, pegou num dos bebés ao colo e deu-lhe leite por um biberão. Em seguida, a primeira enfermeira fez o mesmo com outro bebé. — Eu não disse?

— Disse — respondeu Amarguinha, contemplando as mulheres, que tratavam dos bebés com uma eficiência admirável, confortando-os com gestos rápidos e precisos.

— Sabes o que é — disse o pai dela —, quando um bebé chora, os outros vão atrás e também choram.

— É — comentou o pai de Martinho —, são como uma orquestra.

A mãe de Martinho recebeu alta do hospital, com a recomendação rigorosa dos médicos de que, durante uns tempos, deveria cumprir uma dieta especial e, depois, teria de passar a ter mais cuidado com a sua alimentação. Por seu lado, a mãe de Amarguinha também foi para casa, dois dias após o nascimento de Miguelinho.

Saíram as duas do hospital numa sexta-feira. No sábado a casa de Amarguinha encheu-se de visitas, familiares e amigos que apareceram para conhecer o novo bebé. Martinho e Branca passaram lá a tarde. Havia um ambiente de festa, as pessoas trouxeram presentes para o Miguelinho e rodearam o berço para o conhecer. Branca foi quem mais admirou o bebé.

— É tão pequenino — comentou, espantada com as suas mãozinhas frágeis.

Ao fim do dia, após o último visitante ter partido, Amarguinha e a mãe sentaram-se na sala a ver os presentes. Havia várias peças de roupa, botinhas de lã, casaquinhos de algodão e até uma medalhinha, um fio de ouro e duas colherzinhas de prata. Mas aquele momento de calma não durou muito, porque, dali a pouco, o bebé começou a chorar.

— Bem — a mãe levantou-se, resignada —, está na hora de ele comer.

Em casa de Martinho, o regresso da dona constituiu uma enorme alegria para o *Caçador*. Excitado, o gato recebeu-a com saltos de contentamento e deu três voltas à casa numa corrida desenfreada. Em breve, a mãe voltou ao trabalho. Dois dias depois já se sentava no seu banco alto, frente à tela, rodeada de tintas e com a companhia do *Caçador*, ali ao seu lado, observando-a a pintar.

O quadro para a rainha de Inglaterra ficou pronto no final do mês. Era o gato sentado com muita dignidade em cima de um manto de veludo vermelho, ao lado de uma coroa e de um ceptro.

No dia marcado para o embaixador ir lá a casa buscar a encomenda real, Amarguinha e Branca foram convidadas para assistirem ao acontecimento. À tarde, chegou um automóvel de luxo que se imobilizou frente ao prédio de Martinho. Um motorista fardado deu a volta ao carro e abriu a porta de trás a

um senhor de cabelo branco, elegante, vestido com um fato escuro e uma gravata às riscas azuis e vermelhas. Amarguinha, Branca e Martinho estavam à janela quando o carro chegou.



— É um *RolIs Royce*! — Martinho, que sabia de cor quase todas as marcas de carro, gritou de excitação perante a aparição de um automóvel tão bonito e tão raro de se ver. — É um Rolls!

— Que maravilha! — exclamou o embaixador, num inglês perfeito, ao ver o quadro que vinha buscar. — É uma obra extraordinária.

— Gosta? — disse a mãe de Martinho. — Ah, que alívio. Estava preocupada.

— Se gosto? Claro que gosto, adoro!

— Ele não sabe falar como nós? — perguntou Amarguinha, ao ver que não conseguia perceber nada do que o senhor dizia.

— Pelos vistos não — disse Martinho.

— Está a falar inglês — acrescentou Branca, profundamente admirada com a presença solene do embaixador da rainha.

— Pois está — reconheceu Amarguinha que, tal como Branca e Martinho, já aprendera algumas palavras de inglês na escola, embora não o suficiente para entender a maior parte das palavras que saíam da boca do embaixador.

Quando ele partiu, os três amigos foram espreitar à janela e ali ficaram a ver o *RolIs Royce* subir a rua e desaparecer.

— Que pinta de carro... — suspirou Martinho.

No domingo, os pais de Martinho convidaram todos para um passeio de carro a Sintra. Ali havia um palácio antigo que, no passado, tinha pertencido aos reis de Portugal. De pé, na base da escadaria do palácio, Amarguinha,

Branca e Martinho olharam para cima e descobriram como era bonito e muito diferente dos edifícios que agora se faziam.

— É bestial! — exclamou Martinho.

— O quadro do gato da rainha também vai para um palácio, não vai? — perguntou Branca, que ainda não se tinha esquecido do embaixador.

— Vai, pois — respondeu a mãe de Martinho.

— Um dia — disse Amarguinha, pensativa —, quando o Miguelinho for maior, vou trazê-lo aqui, para ver este palácio.

